

ESTEREÓTIPOS DE INFERIORIDADE ATRIBUÍDOS À PESSOA NEGRA EM “AS MÃOS DOS PRETOS”, DE LUÍS BERNARDO HONWANA

Júlio Leite Infau¹

Sueli da Silva Saraiva²

RESUMO

Neste artigo discutimos os estereótipos de inferiorização do negro no contexto social, a partir do conto moçambicano “As mãos dos pretos” (1964) de Luiz Bernardo Honwana. O objetivo geral é refletir sobre as inquietações do narrador-menino a respeito das palmas das mãos dos pretos serem mais claras do que o resto do corpo e as respostas na voz dos personagens adultos representantes da ordem colonial. Por este elemento ficcional é possível analisar o processo de colonização na formação de estereótipos, na violência e na inferiorização do negro em Moçambique, revelando a consolidação do racismo antinegro no século XX. O trabalho é resultado de uma pesquisa descritiva de caráter bibliográfico exploratório, em que recorremos a autores como Aimé Césaire (1935), Frantz Fanon (1968; 2008), José Luís Cabaço (2007), entre outros, que discutem a temática do racismo no período colonial, estruturado no mundo pós-colonial e que permanece até os dias de hoje. O artigo conclui que a colonização fomentou o racismo e a inferiorização do negro como parte do seu projeto de exploração econômica, opressão social e cultural e buscou “naturalizar”, inclusive pela educação das crianças, a construção da desigualdade racial.

Palavras-chave: Moçambique. Luis Bernardo Honwana. Colonialismo. Racismo. Inferiorização do negro.

ABSTRACT

In this work, we discuss the stereotypes of inferiority to blacks in the social context, based on the responses in the voice of the adult characters to the boy's question, addressed in the short story “As Mãos dos Pretos” by Luís Bernardo Honwana. The objective is to reflect on the boy's concerns about the palms of blacks' hands, which are lighter than the rest of the body, and to analyze the colonization process in the formation of these stereotypes, violence and the inferiorization of blacks in Mozambique. The work is done in a descriptive research of exploratory bibliographic character. In which we resort to some authors who come to discuss this stigma of inferiority; prejudiced narratives around black individuality. In this context, we seek to bring an analysis based on the ideas of Honwana (1964), dialoguing with other authors who discuss the same idea of the derogatory treatment of blacks in the colonial period, such as Aimé Césaire (1935), Frantz Fanon, (1968 - 2008), José Luís de Oliveira Cabaço (2007) among others, thus showing how colonization has a negative impact on the colonized and, consequently, brings the prejudice and racism that is seen in the discrimination of black people.

Keywords: Mozambique. Luis Bernardo Honwana. Inferiorization to black. Colonialism

¹ Graduando em Curso de Letras-Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

² Orientadora: Professora adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). Doutora e Mestre em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP); Bacharel em Letras (Inglês e Português) pela FFLCH-USP; Licenciada em Letras (Inglês) pela Faculdade de educação (FE-USP).

Data de submissão e aprovação: 08/02/2023.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda os aspectos de inferioridade atribuídos à pessoa negra no conto “As mãos dos pretos” que faz parte de coletâneas de sete (7) contos do livro “*Nós matamos cão-tinhoso*”, publicado em 1964 pelo escritor moçambicano Luis Bernardo Honwana. E, segundo o próprio autor, na sua nota à primeira edição, reproduzida na edição de 2008: “este livro de histórias é o testemunho em que tento retratar uma série de situações e procedimentos que talvez interesse conhecer” (HONWANA, 2008, p. 9). O referido conto narra o período colonial em Moçambique e foi publicado em meio às lutas de libertação nacional (1961-1974).

Ao lermos as narrativas que compõem o enredo desse conto entendemos como os personagens são movidos pela ideia de superioridade racial, pois atribuem características negativas aos negros; associando-os, muitas vezes, aos animais, à sujeira. Tal comportamento social exemplifica a humilhação sofrida pelos negros ao longo da história da relação colonizado-colonizador, e em todas as situações em que impera o que atualmente denomina-se pelo conceito de “branquitude”.³ Para expressar tais atitudes preconceituosas que são uma das origens do “racismo estrutural”,⁴ os personagens usaram livremente piadas depreciativas para caracterizar as palmas das mãos dos pretos.

É de conhecimento geral que o racismo é uma das formas mais perversas e persistentes das relações humanas e, por isso mesmo, é um dos temas mais presentes na sociedade, sendo debatido sobretudo em setores das universidades. Mesmo com frequente debate, a inferiorização da pessoa negra continua a ser uma das tristes realidades que a sociedade produz. Pois, como assinala Lewis R. Gordon no prefácio à “*Pele negra, máscaras brancas*”, destacando as palavras de Fanon, “o racismo força um grupo de pessoas a sair da relação dialética entre o Eu e o Outro, uma relação que é a base da vida ética” (FANON, 2008, p. 15-16). Gordon afirma ainda que “Fanon ressalta inicialmente que racismo e colonialismo deveriam ser entendidos como modos socialmente gerados de ver o mundo e viver nele. Isto significa, por exemplo, que os negros são construídos *como negros*” (idem).

³Esse conceito é além da diferença (branco/preto). Conforme Munanga (2003, p. 08) “a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, etc., que ele considera naturalmente inferiores ao grupo à qual ele pertence”.

⁴ Isto quer dizer, o racismo é estrutural e está enraizado em nossa sociedade, como concorda Yamanaka no que Almeida (2019, p. 20) aponta “ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. [...] é a manifestação normal de uma sociedade, e não é um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade”

O processo da colonização é um dos fatores que mais sublima o racismo e deixa as marcas que repercutem os preconceitos de raça, considerando-se o tratamento desumano que a pessoa negra sofreu durante esse período. Associado ao colonialismo, vale lembrar que a escravatura não foi simples processo de acumulação de capital, mas também:

[...] a negação da existência do corpo do outro, [...] acima de tudo, a negação da sua alma, retirada de possibilidade de pensamento sobre si, de produzir cultura, de organizar a vida cotidiana, de engendrar conhecimento sobre si, enquanto é tido como a mercadoria, objeto para alcance do lucro. (COSTA, 2018, p. 2).

Todavia, termina a escravatura e o colonialismo padrão, o racismo permaneceu e ganhou novas formas de expressão na contemporaneidade.

As nossas experiências vivenciadas como homem jovem negro africano, guineense, residente no Brasil, bem como as leituras de diferentes autores sobre a temática, foram motivos de motivação para a pesquisa, que tange aos estereótipos e às imagens depreciativas à volta da individualidade negra.

O trabalho, resultado de uma pesquisa descritiva de caráter bibliográfico exploratório, nos faz entender como foram construídas as ideologias para inferiorizar o negro durante todo o período colonial, no qual a pessoa negra perdeu seu valor como ser humano, a partir do processo escravocrata, que foi móbil de engendramento da ideia de “negro”.

Assim, a ideia central do nosso texto é a desconstrução de um estigma, de um tratamento ignobilizado das várias narrativas preconceituosas a volta da figura do negro. Nesse âmbito, buscamos fazer uma análise baseada nas ideias dos personagens criadas por Honwana (1964), dialogando com teóricos que discutem a ideia da colonização e racismo como Frantz Fanon, (1968; 2008), José Luís Cabaço (2007); Léopold Sédar Senghor; Aimé Césaire; (1935), Amílcar Cabral (2001) etc, os quais refletem sobre os aportes dos pensamentos preconceituosos e discriminatórios contra a figura negra que a sociedade continua a produzir, seja no Brasil, de onde falamos, ou de outros espaços ocidentais, como a ex-colonizadora Europa.

O trabalho justifica-se ainda neste século XXI, pois apesar dos históricos avanços conquistados em várias partes do mundo, há pessoas e grupos que negam a existência do racismo, sem levar em conta o período colonial, a história da escravatura e a permanência do “racismo estrutural”, como bem teoriza o filósofo e ativista negro brasileiro, Silvio Almeida (2019).

Para efeito de organização, o presente artigo está dividido em três partes, além da Introdução e Considerações finais. Na primeira parte, faremos uma breve análise do conto,

buscando compreender as inquietações do menino a respeito das mãos dos pretos, ou seja, o porquê as palmas das mãos dos pretos serem mais claras em relação ao resto do corpo, e nas respostas dadas ao menino veremos como funciona a “objetificação do corpo negro”; na segunda parte, abordaremos período colonial: educação e negação da subjetividade negra; e na terceira parte, trataremos do impacto do colonialismo, da violência e inferiorização do negro em Moçambique.

1 OBJETIFICAÇÃO DO CORPO NEGRO

“As mãos dos pretos”, penúltimo conto da primeira e única coletânea de Luis Bernardo Honwana, traz uma narrativa em primeira pessoa na voz do menino que dialoga com o leitor compartilhando a sua curiosidade: “Eu achei um piadão tal a essa coisa de as mãos dos pretos serem mais claras, que agora é ver-me a não largar seja quem for, enquanto não me disser por que é que os pretos têm as palmas das mãos assim claras” (HONWANA, 2008, p. 119).

Ao longo do enredo se revelará, pelas respostas dadas à criança à sua inocente inquietação sobre as palmas das mãos dos pretos, a construção da ideia de inferioridade do negro.

Na galeria de personagens que respondem ao menino estão, entre alguns outros representantes da sociedade colonial: um professor, um padre, e um capitalista (Senhor Antunes da Coca-Cola). Por fim, sem ser atendido em sua jornada, o menino recorre à sua própria mãe.

A primeira resposta de caráter racista é do professor, conforme relatada pelo menino, quando o mestre compara os pretos com os animais. Isso teria aumentado a sua curiosidade, conforme o próprio narrador:

Já não sei a que propósito é que isto vinha, mas o senhor Professor disse um dia que as palmas das mãos dos pretos são mais claras do que o resto do corpo porque ainda há poucos séculos os avós deles andavam com elas apoiadas ao chão, como os bichos do mato, sem as exporem ao sol, que lhes ia escurecendo o resto do corpo (HONWANA, 2008, p. 119).

Pode-se analisar o absurdo da proposição de caráter estritamente racista proferida por um “mestre” educador, considerando o prejuízo na formação da criança, que poderia ter pensado: se os nossos avós andavam com mãos apoiadas ao chão, fazendo com que as palmas delas ficassem claras, por que não nós continuamos assim? E se foi “há poucos séculos” que os avós andavam com elas apoiadas ao chão, por que as palmas continuam claras e parecidas com

as dos nossos avós, uma vez que, não continuamos a imitar a forma como eles, os avós, andavam?

Frantz Fanon recorda que no pensamento científico racista “já foi dito que o preto é o elo entre o macaco e o homem; o homem branco, é claro”. (FANON, 2008, p. 43-44).

Pelo mau conhecimento da evolução da espécie humana, essa percepção racializada pode ser alimentada e incutida em muitas pessoas; por exemplo, numa fase de imaturidade como a da criança em formação, poderia cravar que realmente as pessoas pretas (exclusivamente elas) evoluíram de uma espécie de macaco (bicho), como personagem senhor professor afirma: “[...] ainda há poucos séculos os avós deles andavam com elas apoiadas ao chão, como os bichos do mato [...]” (HONWANA, 2008, p. 119).

Essa intenção de desumanizar não responde e ainda alimenta a dúvida da criança. Então, para descodificar o que o senhor Professor está lhe explicando, faz lhe lembrar-se do que o Senhor padre havia dito alguma vez na igreja, sobre os pretos, ele disse: “Lembrei-me disso quando o Senhor padre, depois de dizer na catequese que nós não prestávamos mesmo para nada e que até os pretos eram melhores que nós” (HONWANA, 2008, p. 119).

A associação de ambas as narrativas, a do padre e a do professor, faz o narrador menino seguir em seu questionamento. Embora ainda estivesse insaciável com tudo o que ouviu, percebe-se que estava tentando chegar a uma conclusão: “Lembrei-me disso [...]” (HONWANA, 2008, p. 119).

Nota-se que para o menino essas narrativas repetidas estão interligadas se tornando ponto de conclusão, porque o professor disse-lhe: “[...] ainda há poucos séculos os avós deles andavam com elas apoiadas ao chão, como os bichos do mato” (HONWANA, 2008, p. 119), e o Senhor padre disse também: “era assim porque eles andavam com elas às escondidas, andavam com as mãos postas, a rezar” [...] (HONWANA, 2008, p. 119). O fato é que a versão negativa e racista sobre os negros se repetia em vozes de duas altas figuras de autoridade (padre e professor), ambos ajudando a fomentar o preconceito e a cultivar a semente do racismo para as próximas gerações.

A escritora e ativista nigeriana Chimamanda Adichie fala do imaginário criado sobre o continente africano e seus povos pelos discursos racistas ao longo da história ocidental:

Se eu não tivesse crescido na Nigéria e se tudo o que eu soubesse sobre a África viesse das imagens populares, também ia achar que se tratava de um lugar com paisagens maravilhosas, animais lindos e pessoas incompreensíveis travando guerras sem sentido, morrendo de pobreza e de aids, incapazes de falar por si mesmas e esperando para serem salvas por um estrangeiro branco e bondoso. (ADICHIE 2019, p. 4).

E se eu, autor deste artigo, não tivesse nascido na Guiné-Bissau; um país da África; por negligência, ia pensar que a África é um país, ou tem uma única cultura. É exatamente como muitos pensam, movidos pelo racismo histórico e estrutural, que os negros são pessoas delinquentes com característica muito peculiar: meio humano meio demônio; ainda lhes associando, como denunciou a narrativa de Honwana, aos animais, à sujeira, entre outros elementos de características negativas.

Realmente, essas narrativas não surgem à toa, entretanto são ouvidas há muito tempo. Isso é o que Adichie (2019, p. 4) chama de “perigo de uma história única”. Uma história que não tem versão oposta. Uma história, várias vezes, repetida e contada da mesma maneira. Ela – salienta que “a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentiras, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história”. Essas personagens poderiam explicar doutra forma, além dessas características negativas que foram atribuídas aos negros sobre as palmas das mãos.

No conto de Honwana, após mencionar o padre e o professor, o narrador se refere à resposta da personagem Dona Dores, que diz: “Deus fez-lhes as mãos assim mais claras para não sujarem a comida que fazem para os seus patrões ou qualquer outra coisa que lhes mandem fazer e que não deve ficar senão limpa”. (HONWANA, 2008, p. 119). O que está embutido nesta frase é mais um elemento na história de inferiorização das pessoas biologicamente de cor preta. Para essa personagem colonial racista, os negros não se importariam com a sujeira, ou seja, as palmas das mãos teriam sido feitas dessa forma (brancas) para servir outras pessoas/chefes brancos; pois se não for para isso, não teria mínima vantagem, porque eles (pretos) seriam sujos, não se importariam em sujar a própria comida.

Por óbvio que seja dizer, ser negro não é sinônimo de sujeira, ao contrário de todo o discurso historicamente racista, nem tampouco sinal de maldição, como o texto bíblico acusa. Como afirma Fanon: “Se sou negro não é por causa de uma maldição, mas porque, tendo estendido minha pele, pude captar todos os eflúvios cósmicos. Eu sou verdadeiramente uma gota de sol sob [sic] a terra...” (FANON, 2008, p. 56). Por isso, orgulha-se tanto de ser preto, assim justifica a sua identidade.

No conto de Honwana a resposta supostamente mais “piadista” vem do comerciante, Senhor Antunes da Coca-Cola:

Antigamente, há muitos anos, Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, Virgem Maria, São Pedro, muitos outros santos, [...] fizeram uma reunião e resolveram fazer pretos. Sabes como? Pegaram em barro, enfiaram em moldes usados de cozer o barro das criaturas, levaram-nas para os fornos celestes; como tinham pressa e não houvesse lugar nenhum ao pé do brasido, penduraram-nas nas chaminés. Fumo, fumo, fumo e aí os

tens escurinhos como carvões. E tu agora queres saber porque é que as mãos deles ficaram brancas? Pois então se eles tiveram de se agarrar enquanto o barro deles cozia?! (HONWANA, 2008, p. 120).

Como o próprio narrador confirma “eu achei um piadão tal a essa coisa de as mãos dos pretos [...]” (HONWANA, 2008, p. 119), e para confirmar ainda que é uma piada explicitamente racista e exemplo do comportamento daquela sociedade colonialista, percebe-se, depois desta longa explicação, todos que estão à volta dele desataram a rir satisfeitos. Agora vem a questão: por que se riram deles? É preconceito, por se acharem que são melhores em termos da cor da pele. Realmente não são pretos, nem tampouco os pretos são como eles, naturalmente há diferença, mas o problema é que outro cria pré-conceitos, sem sentido, ignorando de forma imoral o companheiro.

Nota-se, ainda para enfatizar sua opinião, o comerciante começa a desmerecer a opinião dos outros com este vocábulo ‘aldrabice’ (enganação). Para fazer com que sua resposta fosse aceita, justificou ainda com base nas Escrituras Sagradas, dizendo: que o homem é feito do barro. Além disso, citou: “Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, Virgem Maria, São Pedro, muitos outros santos e todos os anjos”; assim, enfatizando e demonstrando a autoridade da sua resposta racista.

Na mesma fala, percebe-se o quanto a sociedade tende a ver a pessoa negra em último lugar, em todos os sentidos, tornando-a quase inexistente. Por isso, na fala piadista, somente depois que fizeram todas as pessoas, por último “fizeram uma reunião e resolveram fazer pretos” (HONWANA, 2008, p. 120). Isso pode justificar a maneira como a sociedade, da colonização aos dias de hoje, percebe a existência da pessoa negra e a inferioriza.

Outra resposta no mesmo teor é do Senhor Frias, personagem não caracterizado profissionalmente, que apresentou uma resposta com grande convicção, levando o menino a desconsiderar todas as respostas que havia escutado:

Coisa certa e certinha sobre isso das mãos dos pretos era o que ele sabia: que Deus acabava de fazer os homens e mandava-os tomar banho num lago do céu. Depois do banho as pessoas estavam branquinhas. Os pretos, como foram feitos de madrugada e a essa hora a água do lago estivesse muito fria, só tinham molhado as palmas das mãos e dos pés, antes de se vestirem e virem para o mundo. (HONWANA, 2008, p. 120).

Apesar dos elementos aleatórios nas respostas, todas elas adicionam um sentido preconceituoso contra a figura humana preta.

Luiza Benício Pereira (2018), analisando este mesmo conto, salienta que “os conceitos são construídos com base no que pensa a sociedade racista e preconceituosa influenciando

diretamente a vida dos indivíduos negros que passam a serem discriminados por questões relacionadas à cor da pele” (p. 9). Por isso, tudo o que essas personagens estavam a “ensinar” ao menino era uma piada de caráter depreciativo e que só faz rir a quem não se sente vítima das palavras ditas.

A forma (piada) e o conteúdo (descrição com inferiorização do sujeito negro) são intencionalmente racistas: “Depois do banho as pessoas estavam branquinhas. Os pretos, como foram feitos de madrugada [...], só tinham molhado as palmas das mãos e dos pés, antes de se vestirem e virem para o mundo” (HONWANA, 2008, p. 120).

Levando tudo em consideração, o personagem, Senhor Frias, reforça a corrente de preconceitos contra os pretos formada em resposta ao menino. Trata-se de uma corrente de elos fortemente unidos para a manutenção do racismo colonial e seus desdobramentos futuros.

Em um momento de maturidade de pensamento, o menino busca resposta por conta própria: “Mas eu li num livro, que por acaso falava nisso, que os pretos têm as mãos assim mais claras por viverem encurvados, sempre a apanhar o algodão branco de Virgínia e de mais não sei onde” (HONWANA, 2008, p. 121). Aqui fica nítido que embora haja confusão na construção do pensamento, o narrador está se referindo, criticamente no texto, à opressão dos trabalhadores negros nos campos de algodão do sul dos Estados Unidos (Virgínia)⁵; assim o texto de Honwana faz uma referência indireta às lutas dos negros norte-americanos pelos direitos civis, que ocorriam naquela mesma década de 1960, quando o seu livro de contos foi escrito.

Voltando à análise do conto, para essa reflexão do menino, veio a resposta contrária de outra personagem não caracterizada, Dona Estefânia, que não concordou com isso: “Já se vê que a Dona Estefânia não concordou quando eu lhe disse isso. Para ela é só por as mãos deles desbotarem à força de tão lavadas” (HONWANA, 2008, p. 121).

Isto poderia significar que as massas sanguíneas e musculares das mãos dos pretos perderam vivacidade por serem lavadas à força. E também poderia remeter à expressão advinda da narrativa bíblica - “lavar as mãos como Pôncio Pilatos”.⁶ De qualquer modo, trata-se de uma

⁵ Virgínia é um dos 50 estados dos Estados Unidos. Foi a primeira área do país a ser colonizada pelos colonos britânicos. A agricultura foi no passado a maior fonte de renda do Estado. Exportava tabaco e algodão em grandes quantidades para países europeus até a guerra civil. Então, de acordo com o texto, nesse trabalho de algodão que as palmas das mãos dos pretos poderiam ficar mais claras.

⁶ O Evangelho de João (18:38) narra o momento em que Jesus Cristo é levado perante Pilatos antes da crucificação. E o governador da Judeia, não encontrando motivo para a condenação de Cristo: “tornou a ir ter com os judeus, e disse-lhes: Não acho nele crime algum” (João 18:38). Embora o texto bíblico não mencione, conta-se que Pilatos neste momento saiu e lavou as mãos. Pilatos teria então deixado o destino de Jesus nas mãos do povo da Judéia. Com isso, a expressão “lavar as mãos” passou a significar “não tomar decisão”.

forma de fraqueza e inação (falta de ação). Considerando que o texto de Honwana foi publicado no momento de maior agitação revolucionária, inclusive com o próprio escritor tendo sido preso pela sua atuação anticolonialista, não surpreende a interpretação sobre o texto ser um chamado à luta, a dizer que os pretos não devem mais deixar o seu destino nas mãos de outros, não devem agir como Pilatos que ao não decidir em favor de um inocente, condenou Jesus à cruz.

Se forem válidas essas interpretações, o propósito de Dona Estefânia, personagem não caracterizada, seria fazer com que a criança refletisse sobre a impotência das pessoas negras no sistema colonial. A simbologia das mãos “desbotarem à força de tão lavadas” poderia significar que os negros eram inferiores ou impotentes. Por outro lado, se deixassem de “lavar as mãos”, seu destino poderia ser outro, o da libertação do colonialismo.

Para terminar análises dessas respostas, trazemos a da mãe, que deve ser uma das respostas que acalma as inquietações do narrador: “a minha mãe é a única que deve ter razão sobre essa questão das mãos dos pretos serem mais claras do que o resto do corpo”. Embora seja a resposta que levou o menino a ficar satisfeito, porque depois de ouvir toda narração da mãe, foi-se jogar, contudo é uma resposta mais complicada e ambígua no texto, pois contrariou outras e até a si mesma. Disse a personagem mãe:

Deus fez os pretos porque tinha de os haver. Tinha de os haver, meu filho, Ele pensou que realmente tinha de os haver.... Depois arrependeu-se de os ter feito porque os outros homens se riam deles e levavam-nos para casa deles para os pôr a servir de escravos ou pouco mais. Mas como Ele já não os pudesse fazer ficar todos brancos, porque os que já se tinham habituados a vê-los pretos reclamariam, fez com que as palmas das mãos deles ficassem exactamente como as palmas das mãos dos outros homens. E sabes porque é que foi? Claro que não sabes e não admira porque muitos e muitos não sabem. Pois olha: foi para mostrar que o que os homens fazem é apenas obra dos homens.... Que o que os homens fazem é efeito por mãos iguais, [...]. Deve ter sido a pensar assim que Ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos. (HONWANA, 2008, p. 121-122).

Essa resposta pode abrir muitas interpretações. Começando pela forma irônica e ao mesmo tempo humanizada com que explica a criação divina dos negros: “Deus fez os pretos porque tinha de os haver [...]” (HONWANA 2008, p. 121-122), ainda acrescentou que “o que os homens fazem é apenas obra dos homens [...]”. Aqui, um claro chamado de responsabilidade, das pessoas que oprimiam, escravizaram, exploravam os povos colonizados e os negros, muitas vezes alegando estar fazendo a obra de Deus. Mas, a responsabilidade pelos males causados era do próprio ser humano.

A fala da personagem torna-se criticamente irônica, apontando uma decepção do próprio criador com o racismo no seio da sua criação: “Deus arrependeu-se de os ter feito porque os

outros homens se riam deles e levavam-nos para casa deles para os pôr a servir de escravos” (HONWANA 2014, 2008, p. 121).

O propósito da mãe é demonstrar ao filho que os pretos não são inferiores, impotentes. Eles foram levados à força (não por vontade própria) para servir aos brancos. Mas é preciso lembrar que sempre houve resistência e se assim não fosse, o próprio conto “As mãos dos pretos” não existiria ou teria sido escrito como arma literária das lutas de libertação.

A resposta consolativa é a forma carinhosa que a mãe usava para apaziguar as inquietações do filho, como aponta o autor, mas ao fim de tudo a mãe acrescentou mais um toque de ironia fina. Disse: “Ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos”. (HONWANA, 2008, p. 122).

2 PERÍODO COLONIAL: EDUCAÇÃO E NEGAÇÃO DA SUBJETIVIDADE NEGRA

No livro “*Nós matamos o Cão-Tinhoso*”, Bernardo Honwana (1942), então com vinte e dois anos de idade, traz uma revolução pela via da literatura contra os aspetos sociais que marcavam Moçambique no momento da luta. Através da sua “escrevivência” (nos termos da brasileira Conceição Evaristo) escrevia as coisas que faziam parte da sua vida, os acontecimentos que marcavam um panorama da sua adolescência-juvenil, dos últimos tempos do colonialismo e a heroica luta de libertação de Moçambique. A maioria das narrativas dessas verdadeiras crônicas sociais mostraram a resistência dos colonizados perante um clima de terror.

Como fala o escritor e crítico cabo-verdiano Manuel Ferreira sobre o colonialismo:

O colonialismo, todos sabemos, é a negação da personalidade do Outro. [...] Altera os hábitos sociais, intervém na culinária, no vestuário, no sistema agrícola, no regime de propriedade, na habitação, no sistema jurídico, na ordem social milenariamente estabelecida, impõe novos padrões de cultura e substitui a língua. O colonialismo, de caso pensado e por força do seu sistema interno, despersonaliza o colonizado, deprime-o, destrói-lhe a imagem que ele forma do seu universo singular, coisifica-o e não lhe permite que ele se torne sujeito de história. Cria-lhe o complexo de inferioridade em relação à sua cultura, deforma-o, aniquila-o como cidadão africano. (FERREIRA, 1979, p. 1)

As lutas de libertação nacional iniciadas em 1961 em Angola e logo em todas as outras colônias portuguesas daquela época (Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe) tiveram por objetivo acabar com esta situação de muitos séculos. Por isso, Honwana fazia denúncias ao tratamento desumano, sobretudo, à estereotipação da individualidade, da

cultura e da existência negra como marcada por inferioridades, como visto por exemplo nos contos: “Nós matamos o Cão-Tinhoso”, “Dina”, “Nhinguitimo”, principalmente em “As mãos dos pretos” que traz as narrativas das piadas estereotipadas contra os negros.

A escrita de resistência de Honwana foi reconhecida pelo grande líder revolucionário Eduardo Mondlane (1920-1969) em seu texto "Resistência: A procura de um movimento nacional" (s/d). Neste texto histórico, como recorda Sueli Saraiva:

O líder revolucionário Eduardo Mondlane analisa os acontecimentos político-sociais de Moçambique nas primeiras décadas do século XX até ao início da luta armada nos anos sessenta, e menciona o protagonismo da narrativa do jovem Honwana neste processo de resistência intelectual, tanto pela descrição dos comportamentos humanos quanto pela denúncia das condições da vida sob um governo opressor. (SARAIVA, 2017, p. 8).

Luís Bernardo Honwana (1964) militou na FRELIMO⁷, participando dessa resistência intelectual, e até física, com muitos conterrâneos como os poetas Noémia de Sousa (1926-2002) e José Craveirinha (1922-2003), com obras que denunciam os horrores do racismo e de todas as formas de exploração colonial. Justamente essa denúncia que Honwana fazia através do seu livro “*Nós matamos o Cão-Tinhoso*”, especialmente em alguns contos: “Nós Matámos o Cão-Tinhoso”, “Dina” e “Nhinguitimo” – é possível destacar a superioridade, a ordem e a violência da opressão colonial naquilo que os moçambicanos tinham medo de dizer, Moreas (2017)

Era o risco para o denunciador sobre o domínio português que imperava no país. O que fazia com que muitos ficassem sempre calados e subestimados, como o próprio autor descreve pela voz de personagens em várias passagens do primeiro conto que é o título do livro (“*Nós matamos o Cão-Tinhoso*”), em que a atitude do cão que fica “a olhar como uma pessoa a pedir qualquer coisa sem querer dizer” (HONWANA, 1964, p.13). E vimos no mesmo conto a autoridade de Doutor da Veterinária com o Senhor Administrador em relação ao cão. Isto é, quando um chefe dá uma ordem, ela tem que ser cumprida. Sem dúvida, as crianças do conto têm que cumprir a ordem do Senhor Administrador. Este, conseqüentemente, tem que cumprir com a de Doutor da Veterinária, consoante a hierarquia.

O mesmo conceito de superioridade, de dar ordens e oprimir, é visto no conto “Dina”, onde o personagem, relata que “ – E o branco não sai de cima de vocês” (HONWANA, 1964, p. 71). E na mesma narrativa o jovem mostrou que o branco não sente pena dos outros, onde disse: “O branco é mau... – continuava o rapaz – Ele demora muito antes de mandar largar... Eu

⁷ FRELIMO é acrônimo que significa Frente de Libertação de Moçambique (partido da luta de libertação de Moçambique)

via isso quando trabalhava na machamba... Também não deixa as pessoas endireitarem-se por um bocado para descansarem as costas” (HONWANA, 1964, p. 71). Era a ordem colonial que deixava o povo com medo, supostamente silenciado.

Em “Nhinguitimo” observamos o tom do capataz ao perguntar pelo personagem Vírgula Oito que estava atrasado. Em seguida Vírgula apareceu e respondeu “ – Eu está [sic] doente, patrão... Dói cabeça... Dói muito...”. O capataz nem sentiu por ele e acrescentou “ – Está bem, quando largares pode ficar doente à vontade, mas agora vai ajudar os outros a carregar o camião...” (HONWANA, 1964, p. 71). Nota-se, como era difícil para os colonizados resistir perante o mando dos chefes; mas este comportamento acabou reforçando a resistência e disposição para luta.

Como se vê, o poder colonial dominava o colonizado de várias formas. Como Honwana denunciava em “As mãos dos pretos”, quando o narrador conta o que aconteceu na igreja, reproduzindo o que o padre tinha falado: “Lembrei-me disso quando o Senhor padre, depois de dizer na catequese que nós não prestávamos mesmo para nada e que até os pretos eram melhores que nós, [...]” (HONWANA, 2008, p. 119). Vemos com essa fala a igreja católica inferiorizando o negro, com estereótipos negativos, enquanto dizia estar catequizando.

Apesar que catequizar é ensinar valores com princípios morais, que envolve, amor, respeito, compaixão, porém não desumanizar o mundo, como se fosse os outros não tivessem corpo e alma. Isso é uma autêntica violência ao ser humano. Por isso Fanon afirma, no capítulo “A experiência vivida do negro”, do livro *Pele Negra, máscaras brancas* afirma que “A alma do branco estava corrompida” (2008, p. 118), em muitos sentidos.

As missões que foram feitas em África não foram as missões de salvar almas (como ensinam as igrejas), mas eram, de certo modo, missões para fazer com que os colonizadores mantivessem o poder sobre os colonizados. Para Dabana (2014) é inegável que as igrejas católicas se aliaram ao regime colonial, e contribuíram bastante para fazer com que a dominação colonial prevalecesse nos países colonizados. (2014, p. 39)

As igrejas levavam a palavra divina para demonstrar aos pretos, sobretudo africanos, que não estavam certos nas suas adorações, melhor dizer, “para o senso comum europeu, os africanos acreditavam em feitiçarias e demais crenças próprias de uma mentalidade primitiva. E, por isso, eles deveriam submeter-se à ‘civilização’, através da evangelização” (NAMONE, 2014, p. 39). Essas ditas missões ensinavam a forma de liquidar a cultura, de odiar a raça humana e, conseqüentemente, criar preconceitos, que vem contra o princípio da vida humana. E a sua influência massivamente era conveniente para desestruturar a organização do povo local.

Além disso, verifica-se no conto que estamos analisando que entre as respostas dadas ao protagonista, através das narrativas de personagens, encontram-se aquelas que indicam um processo educativo com as marcas negativas sobre os negros, visto que para além do que o garoto aprendia com o padre, também aprendia na escola com o senhor professor, adicionalmente com o livro que leu. Consequentemente, na construção dos seus saberes, estão explicadas as razões que suscitaram muitas dúvidas e inquietações sobre as palmas das mãos dos pretos que são mais claras do que o resto do corpo.

Apesar de a educação abrir novos caminhos para novos saberes humanos, é inegável que a educação colonial tinha seus objetivos específicos. Porque a intenção não era apenas educar, aliás, conduzir a população local para um conhecimento que posteriormente servirão de penhor para a estrutura do estado, mas seus objetivos eram “extrair do seu seio uma minoria de homens letrados, indispensáveis para o funcionamento do sistema colonial de espoliação e reduzi-los a uma assimilação que devia retirar-lhes qualquer possibilidade de desvendar o processo de docilização [...]” (CÁ, 2000 *apud* NAMONE, 2014, p. 38).

A descrição de Honwana no primeiro conto, “*Nós matamos o Cão-Tinhoso*” traz o perfil de personagens, alunos e uma mesma escola colonial, que foram escolhidos para matar o Cão-Tinhoso, enquanto o menino branco Quim representava o colonizador português, o menino negro Ginho (o narrador) representava o perfil do assimilado.⁸ Nesta história, Gino queria defender o Cão, identificando-se com o seu sofrimento, apelava ao opressor: “– Quim, a gente não pode matar o cão eu fico com ele, trata-o das feridas e escondo-o para não andar mais pela vila com estas feridas que é um nojo...” (HONWANA, 2008, p. 34); mas não podia resistir sozinho e foi levado a matar o cão que queria proteger e com isso tentar fazer parte da turma, que de qualquer maneira não consideravam uma pessoa igual. Os colonos querem formar pessoas com estes perfis, pessoas que iam estar aos seus lados, defendendo-lhes ou indicando a forma mais fácil de controlar os adversários, chamados de indígenas (nativos não assimilados).

⁸ Sueli Saraiva recorda que os conceitos “assimilado” e “assimilação” referem-se a um instrumento legal do Estado colonial português em vigor basicamente de 1917 a 1958 (ou até 1961, cf. CABAÇO, 2009, p. 111). Por ele, continua a pesquisadora, promulgava-se que alguns indivíduos africanos negros teriam o direito a uma “cidadania concedida”, logo precária, desde que atendessem algumas exigências: “o africano que se considerasse ‘civilizado’ devia fazer um exame, respondendo a certas perguntas e deixando que uma comissão fosse à sua casa ver como é que vivia, se sabia comer como um branco, à mesa, se se calçava e se tinha uma só mulher. Quando ele era aprovado, passavam-lhe um documento chamado o ‘alvará de assimilação’...” (HONWANA, Raúl Bernardo. 1989, p. 69-70, *apud* SARAIVA, 2013, p. 10).

Para estudar mais sobre o assimilacionismo, ver: ZAMPARONI, Valdemir. Frugalidade, moralidade e respeito: a política do assimilacionismo em Moçambique, c. 1890-1930. 2008. Disponível em: bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/valde.rtf . Acesso em 07.01.2023.

Dabana Namone (2014) tornou este assunto mais claro, sobre os objetivos dos colonizadores em África e a educação:

[...] o sistema educacional colonial tinha seu objetivo bem definido que não era o de criar uma *intelligentsia* africana ou de formar doutores, como bem frisa o Cardeal, mas sim transformar os africanos psico-socialmente em seres humanos mais dóceis. A intenção era reforçar e dar continuidade à dominação, visando atender os fins econômicos da metrópole (NAMONE, 2014, p. 38)

O plano estratégico educacional era para dar a continuidade de dominação dos colonizados. E essa educação, portanto, era mecanizada, apesar que desempenhava um papel preponderante na construção dos saberes para o desenvolvimento de países. Mas os colonizadores olhavam de outra forma, porque os educandos não foram educados com base nos perfis nacionais, porque era uma educação que limitava a visão dos nativos e que colocavam culturas dos colonizados em causa. Além dessas barreiras, também realçavam o valor eurocêntrico.

Portanto, no momento das lutas anticoloniais, era necessário implementar mudanças com:

[...] a emergência de uma cultura verdadeiramente nacional cujas raízes estariam assentadas nos aspectos positivos das diferentes culturas tradicionais, mas que era também capaz de incorporar, adaptando-as às necessidades do país, as aquisições da cultura científica universal” (MIGUEL, 1978, p. 23 *apud* NAMONE, 2014, p. 64-65).

Sendo assim, haverá um rompimento, abrindo novos caminhos, que irá desviar desta educação baseada na conduta dos colonizadores que, certamente, vai contra os princípios daquela sociedade liberta da opressão colonial.

Voltando ao tempo da narrativa de Honwana, naquela época, a educação tinha uma base com a perspectiva eurocêntrica, também, representava valor negativo, menosprezando a capacidade da pessoa negra, ao mesmo tempo, criando conceitos e preconceitos contra o colonizado.

Em “As mãos dos pretos”, considerando o livro que o menino diz ter lido e faz a sua própria interpretação, temos mais uma crítica sobre educação: “Mas eu li num livro que por acaso falava nisso, que os pretos têm as mãos assim mais claras por viverem encurvados, sempre a apanhar o algodão branco da Virgínia” (HONWANA, 2008, p. 121). Como sabe, os livros são um dos veículos que interligam o ser humano ao conhecimento, isto quer dizer, através deles, se apropria de novos conhecimentos e forma direta, sem a intermediação. Nota-se que pela leitura sobre os negros na Virgínia, Estados Unidos (já discutido acima) o menino tem outro entendimento para a sua pergunta sobre as mãos dos pretos.

Vimos muitas caracterizações das narrativas estereotipadas em muitos livros, como Luís Fernando de França (2008, p. 113) menciona no seu trabalho, a “caraterização que associa o negro à feiúra e a animais”. Também podemos encontrar as personagens como “Joca em *Xixi na Cama*, de Drumond Amorin; *Carniça em Tónico e Carniça*, de Jose R. Filho e Assis Brasil; *Nó na garganta* de Mirna Pinsky e *Dito em Dito o negrinho da flauta* de Pedro Bloch⁹ entre outros que apresentam caraterísticas negativas a favor dos negros.

Por outro lado, as profissões que essas personagens negras desempenham dentro das narrativas “aparecem desenvolvendo funções sociais consideradas depreciativas e sem perspectiva de mudança, ou negro como morador apenas da favela e do morro” (FRANÇA, 2008, p. 113).

Percebe-se que em vários textos, de acordo com França (2008) a manutenção da figura inferiorizada do negro nas ilustrações que apresentam imagens depreciativas e caricaturadas; outrora podemos ver associação das imagens negras ao medo, à falta de educação, à discussão contínua, à palhiçaria entre outros. Também, de acordo com o pesquisador, os desenhos em livros infantis sempre apresentam imagens feias do negro; a repetição de uma única forma de tratamento; sempre houve incoerência entre ilustração e o texto escrito; além de tudo, apresentam construções preconceituosas e discriminatórias, FRANÇA (2008). Percebe-se que é “Um ataque que não se restringe à autoimagem e à autoestima negra e que deturpa o próprio sentido do que significa ser humano” (VEIGA, 2019, p. 247).

Para desmistificar estes estereótipos de inferiorização, trazemos as obras infantis dos escritores brasileiros como: *O menino marrom* de Ziraldo e *Menina bonita de laço de fita* de Ana Maria Machado, os quais que se objetiva romper com essa tendência de inferiorizar o negro.

A partir dos meados do século XIX, as literaturas passaram para um novo paradigma, e se apresentam literaturas contemporâneas, como França (2008, p. 111) ressalta que “não há dúvida de que a literatura infantil contemporânea apresenta uma imagem positivada do negro. Contudo, as marcas de séculos de inferiorização não podem ser apagadas em algumas décadas”. Portanto, precisamos escrever os textos com a perspectiva de desmistificar a história literária colonial sobre os negros, visto que são as construções humanas.

⁹ Referências: AMORIN, Drumond. **Xixi na Cama**. Ed. Diversos, 1985; FILHO, José Resende e BRASIL Assis. **Tónico e carniça**. 1982; PINSKY, Mirna. **Nó na garganta**. 2009; BLOCH, Pedro. **Dito em Dito o negrinho da flauta**. Editora: Moderna. 1983.

3 VIOLÊNCIA E INFERIORIZAÇÃO DO NEGRO EM MOÇAMBIQUE

É de conhecimento geral que a presença de colonizador em qualquer país foi um ato grosseiramente violento, pois não dá para acreditar no impiedoso comportamento do ser humano que aproveita fragilidade do outro para desumanizar, como os europeus fizeram com todos os colonizados, segundo Rita Chaves “na realidade todo movimento de aproximação do Ocidente com a África tem sido mediado pela violência e no sentido da diluição de suas referências” (2005, p. 247). Porque, geralmente, os europeus tiveram material suficiente para desestruturar o povo colonizado.

A desestruturação é vista na imposição da assimilação, na liquidação de cultura, na subversão de história, hierarquização dos padrões de vida favorita para eles... e só eles que define o que realmente é bom, segundo Leal e Alves, “A Europa e seus padrões estabeleceriam, assim, nos espaços colonizados, parâmetros para se definir o belo, o certo, o ideal, o que se enquadrava ou não nos modelos ocidentais” (s/d, p. 01). Outrossim, a colonização, segundo Fanon (1968), é um fenômeno da violência; a violência aqui ganha um sentido mais lato, é a negação, sem negociação, de modo de ser de outro, da prática cultural do outro, na religião de outro que muitas vezes envolve a brutalidade. O autor ainda mostrou que “colonialismo não é uma máquina de pensar, não é um corpo dotado de razão. É a violência em estado bruto e só pode inclinar-se diante de uma violência maior”. (FANON, 1968, p. 46). Isto quer dizer, não conformando com passividade, de todo cenário de opressão que o colonizador tem feito a um povo soberano, portanto, a coragem deve servir um preço alto para a descolonização, sem isso, nunca se libertar. Como Honwana descreve o comportamento do personagem de outro conto de seu livro, “A velhota”, que foi provocado pela violência colonial, que o faz agir com o mesmo desejo instintivo de violência:

Eu juraria que não cheguei a perder o conhecimento, embora, pouco antes de cair, tivesse experimentado aquele estado de embotamento que, quando nos toma, restringe a capacidade de defesa aos gestos puramente instintivos, mas estupidamente lentos, que todos conhecem nos boxeurs grogues. Acho que ninguém podia avaliar o esforço tremendo que fiz nesses não sei se longos se breves momentos, para conduzir os meus punhos. (HONWANA, 2008, p. 119).

Não só neste texto que Luís Bernardo Honwana usou personagens com o comportamento agressivo como reação à violência sofrida. No “Nhinguitimo”, é outro conto também que descreve a violência maior, no seu último capítulo “Nessa noite juro que senti raiva”. Diante de tudo, entendemos que não é correto responder com a mesma atitude, porém

deve ser “[...] como uma espécie de mal necessário. Uma vez que também decidiu responder com a violência, admite todas as consequências dessa decisão”, (FANON, 1968, p. 71)

Entretanto, no contexto histórico do Moçambique imperava essa violência, como apontam pesquisadoras Leal e Sousa (s/d):

O fato de a história de Moçambique ter sido marcada pela violência da dominação portuguesa se refletiu significativamente na escrita de poetas como Noémia de Sousa e José Craveirinha, “o profeta da identidade nacional”, que estiveram diretamente ligados à luta pela libertação e fizeram do repúdio ao colonialismo e da exaltação da nação livre motivações para as suas produções poéticas. (LEAL; ALVES, s/d, p. 01)

Como se vê, para combater essa violência era necessário que os colonizados assumissem a responsabilidade por denúncias, como tem feito em Moçambique, criaram ferramentas para divulgar as notícias: “A Imprensa, em Moçambique, inicia-se com a instalação do Boletim Oficial, em 1854. Posteriormente, o rádio e a publicação de jornais e revistas assumirão importante papel na história desse país” (LEAL; ALVES, s/d, p. 02), e mais tarde outros jornais ganharam força. José Luís cabaço diz que jornais como “*O Africano* concentravam-se nas medidas discriminatórias, nas injustiças que se multiplicavam e na exigência do reconhecimento dos direitos da comunidade negra e das elites locais” (CABAÇO, 2007, p. 162), depois *O Africano* foi vendido em 1918 para a igreja católica, e que posteriormente perdeu a sua linha defensiva, faz com que os nativos sentissem mais necessidade de criar outro jornal que continuariam a defender seus direitos. Desta vez fundaram o *Brado Africano*, além disso, tinha *O Progresso*, o periódico mais antigo. Mas independentemente desses jornais, outros escritores, além de Luís Bernardo Honwana, dedicaram suas obras à resistência ao período colonial e ao racismo, como Noémia de Sousa e José Craveirinha, em Moçambique; na Guiné-Bissau, Amílcar Cabral e Benjamim Pinto Bul; em Angola, Viriato da Cruz, Mário Pinto de Andrade e Luandino Vieira.

Esses intelectuais, apesar de não reunirem condições necessárias para enfrentar a política de colonização, decidiram pautar na luta anticolonial, através dos seus trabalhos. Contudo eles tiveram consequências pelas suas lutas, e como muitos sofreram prisões; mas como dizia o Fanon: “a necessidade da transformação existe em estado bruto, impetuoso e coativo, na consciência e na vida dos homens e mulheres colonizados” (1968, p. 26).

É uma luta com objetivo definido, ou melhor, que mobiliza a todos a olharem para uma única direção, como explica Fanon:

A luta armada mobiliza o povo, isto é, lança-o numa única direção, num sentido único. A mobilização das massas, quando se efetua por ocasião da guerra de libertação, introduz em cada consciência a noção de uma causa comum, de destino nacional, de história coletiva. (FANON, 1968, p. 73).

Realmente em Moçambique, assim como nos demais países que ainda lutavam pela sua libertação de Portugal, havia algumas personalidades da elite intelectual local olhando para essa direção, por mais que tivessem que assimilar valores metropolitanos. Por exemplo, eles deram vida, em 1906, a um movimento com vista à criação de uma associação para a defesa dos interesses da comunidade negra (CABAÇO, 2007, p. 170)

Mas nem todos que olhavam nessa direção. E outros optarem por assimilar os valores “lusos”. Isso, demonstra que não era somente a oposição contra os colonos, mas também os intelectuais lutavam contra os nativos ditos “assimilados”, Porque, enquanto os outros estavam na luta contra os colonos, os outros optaram na política de assimilação, como descreve (CABAÇO, 2007, p. 162) “a assimilação em momento algum representou, na realidade, a integração do colonizado como membro da comunidade portuguesa da colônia”, sociólogo continua: “Esses africanos não indígenas [assimilados] deveriam, em troca de alguns pequenos privilégios, constituir-se como intermediários entre dominador e dominado, se possíveis colaboradores “reconhecidos”.

Geralmente, estes intermediários (assimilados) são vistas como pessoas mais esclarecidas “civilizadas”. Visto que o colonizado tinha a ideia de que quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, lhe faria escapar de sua selva, ou quanto mais ele rejeitar sua negritão, seu mato, mais branco seria (FANON, 2008). Por isso que Césaire afirma que “A assimilação para mim era a alienação, a coisa mais grave” (MARTINS, 2019 *Apud* CÉSAIRE, 2005, p. 28).

O sociólogo José Luís Cabaço demonstrou que em Moçambique, essas pessoas assimiladas ajudaram na consolidação do domínio de Portugal:

Os antigos filhos da terra e as lideranças africanas culturalmente ocidentalizadas, que tinham acolhido com entusiasmo o projeto civilizacional e dado uma decisiva contribuição à consolidação do domínio de Portugal em Moçambique, representavam agora um obstáculo à afirmação hegemônica do poder lusitano. (CABAÇO, 2007, p. 169-170)

Apesar de nunca terem sido efetivamente considerados portugueses, os colonizados assimilados podiam ter melhores casas e privilégio de posse da terra, por exemplo em relação aos não assimilados. Essas condições de ganhos sobre os chamados “indígenas” faziam com que continuassem a assimilar os valores luso-metropolitanos e não pensarem na

descolonização; pelo contrário, faziam com que o domínio português tivesse mais raiz. Porém, muitos de seus descendentes se revoltaram e conduziram as lutas anticoloniais posteriormente.

Por isso, Moreira diz que esses assimilados foram na verdade “[...] vítimas de uma situação contraditória, [...] eram e não eram africanos e/ou europeus, pretos (selvagens) e/ou brancos (civilizados), cidadãos de primeira e/ou uma categoria inferior indefinida, moçambicanos e/ou portugueses” (CABAÇO, 2007 *Apud* MOREIRA, 1977, p.192).

Levando em consideração tais atitudes, os assimilados acabam por não pertencer a nenhuma identidade, como descreve Moreira. Também Chaves afirma sobre os assimilados que: “Dominando perfeitamente o código identificado com a civilização, os moçambicanos, negros e mestiços, permanecem situados na margem, impossibilitados de conquistarem os lugares a que, em princípio, teriam direito” (CHAVES, 2005, p. 253).

Acima de tudo, querendo ou não, aqueles que assimilaram os valores culturais europeus, tiveram influência a perda drástica das suas identidades, embora mais tarde tenham tomado consciência da sua condição subjugada, como acrescenta Cabaço:

As identidades do *assimilado* - até a sua tomada de consciência social e política ou até dela se apropriar como instrumento de gestão da própria condição de colonizado e subjugado - foram contraditórias, ambíguas, muitas vezes esquizóides, dissociadas na ação e no pensamento (CABAÇO, 1960, p. 164)

De todo modo, essa herança de supervalorização das coisas europeias ainda repercute em sociedades africanas, como um comportamento alienado e alienante, isto é, de querendo ser o Outro e não a si mesmo. De sentido mais lato, querer valorizar tudo que “vem de fora” sempre será uma coisa ambígua e contraditória em si mesma.

Este é o tipo de comportamento que Luís Bernardo Honwana descreve no conto “Inventário de imóveis e jacentes”, no mesmo livro, em que o menino narrador (alter ego do próprio autor) de família assimilada, avaliava a cidadania remediada dos nativos africanos assimilados. Visto que menino narrador (Ginho) descrevia a sua casa que, além de ser comum para os povos africanos, conforme os seus costumes de habitação, tinha um aspecto de pobreza material muito forte, quando comparada com o que seria uma casa europeia do colonizador.

Frantz Fanon diz que o colonizador usa o desejo do colonizado de possuir o que os brancos possuem. Com isso o ciclo da assimilação se mantinha, sempre com a promessa nunca cumprida de que um dia os negros teriam os mesmos direitos.

Isso há muito tempo esse entender afoba o colonizado-assimilado. Por sua vez, lança seus olhares à cidade do colono, um olhar de inveja, de luxúria, de querendo todas as

modalidades de posse, de sentar-se à mesa do colono, de deitar na cama do colono, com a mulher deste. Os olhares do colonizado-assimilado sempre é um olhar invejoso, que deseja substituir o lugar do colono, caso for possível (FANON, 1961, p. 29). Tendo esse comportamento, o colonizador busca sempre atrair atenção, do seu “cliente” o assimilado, pois “avidamente” ele, o colonizado, corre para satisfazer suas necessidades.

Em resumo, a questão de assimilação tornava-se mais uma violência contra a liberdade dos colonizados assimilados e mais ainda contra os nativos não assimilados, como descreve Saraiva: “[...] os africanos negros que não exibissem, sempre que solicitados, o ‘bilhete de identidade de civilizado’ ou que ousassem adentrar os espaços sociais que lhes eram socialmente interditos, eram imediatamente submetidos à ‘educação’ pela força tacitamente assumida por grande parte dos colonos (2017, p. 154).

De toda esta reflexão sobre o processo de assimilação, vale ressaltar que se trata de mais um processo colonial e fator primordial na inferiorização dos negros. Ao impor a assimilação da cultura europeia, o colonizador afirmava que a cultura africana era inferior em todos os sentidos.

Como é visto no conto aqui analisado, “As mãos dos pretos”, Honwana criou personagens que descrevem como eram/são caracterizadas as pessoas negras, num universo branco, que sempre foram subestimadas, comparando-lhes, em tom de suposta piada, com os animais, com a sujeira, ou seja, “meio-homem e meio-demônio” os negros sofreram violência de várias formas e em vários espaços sociais em detrimento do branco. Para Fanon, o processo colonial faz o homem negro perder seu valor, a ser tratado como simples animal, ou seja, dada uma característica ignóbil, reduzindo-lhe a sua capacidade. Nessa conjuntura a colonização é um dos processos primordiais na inferiorização do homem negro (FANON, 2008).

Mas o que é a colonização? De acordo com Cabral (2011), a colonização, é mais que a ocupação territorial ou controle de poderes políticos. A colonização tem efeito na eliminação cultural do colonizado, na eliminação das línguas, assim como na eliminação das religiões, a partir da escolha de modo de vida do “civilizado”, isso faz com que o povo local abandone suas culturas por obrigações para assegurar um mínimo de condições materiais (assimilação) e por alienação. Porque a invasão europeia foi muito devastadora, sendo um povo materialmente mais desenvolvido a desorganizar e exterminar o povo invadido (CASTILHO, 2000, página??).

Nesta ordem de ideias, tanto Amílcar Cabral quanto Frantz Fanon concordam em entender a colonização como fenômeno físico, psicológico e, em última instância, culturalmente violenta. A lógica de colonização segundo Cabral repousa nesta ambivalência: liquidar ou assimilar a cultura do colonizador. Colonizar, portanto, é um exercício que objetiva

desmantelar as populações das suas próprias histórias, e arquitetar uma nova memória na base do processo histórico do colonizador.

Por isso, segundo Fanon (2008) “Todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana” (p. 34)

Esse complexo de inferioridade, nasceu justamente através do processo da colonização que gerou mentalidades e políticas negativas contra o colonizado e até hoje contra os negros em todo o mundo. Grosso modo, em todos os seus aspectos a colonização causou prejuízo enorme, tanto material, quanto psicológico. Como reflete Rita Chaves (2005): “Como as condições concretas do desenvolvimento implementado pelo sistema colonial não favoreceram a aproximação, ampliaram-se as distâncias, propiciando a criação de guetos em que se viram situados os que refletiam sobre o lugar social do africano e sua identidade cultural” (p. 252).

Não obstante que a colonização se liga com a escravatura, pois não podemos falar da colonização, sem falar da escravatura. Porém, lembrando que a construção da inferioridade começa antes do colonialismo, todavia, é a continuidade do processo escravocrata, que é móbil do engendramento da ideia do negro.

E, a partir da colonização, que nasceu os conceitos negativos sobre a figura negra, como afirma o grande sociólogo e pensador humanista, Aníbal Quijano, “os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos [...]. Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial” (QUIJANO, 2005, p. 118). Neste caso, a dominação pejora e faz com que foram criadas várias narrativas para caracterizar o homem negro, e vimos essa descrição no conto “As mãos dos pretos” de Luís Bernardo Honwana, que vem, exatamente, abordando as ideias preconceituosas que consiste, nas falas dos personagens, na tentativa de explicar a naturalidade das palmas das mãos dos pretos serem mais claras (HONWANA, 2008).

Como, também, podemos ver como os estereótipos de inferioridade ultrapassaram o imaginário sobre os negros em África, nas mesmas “piadas” racistas criticadas por Honwana, também descritas no famoso romance modernista brasileiro, “Macunaíma, o herói sem nenhum caráter” (1928), de Mário de Andrade.¹⁰ Na obra de Andrade, também chamada de “rapsódia”,

¹⁰ Diz-se que a obra foi escrita a partir de recolha de Mario de Andrade sobre as lendas e mitos indígenas e folclóricos brasileiros.

o narrador afirma sobre o personagem Macunaíma, um índio brasileiro tapanhuma, ao explicar a formação racial do Brasil:

Então Macunaíma enxergou numa lapa bem no meio do rio uma cova cheia d'água. E a cova era que nem a marca dum pé gigante. Abicaram. O herói depois de muitos gritos por causa do frio da água entrou na cova e se lavou inteirinho. Mas a água era encantada, porque aquele buraco na lapa era marca do pezão do Sumé, do tempo em que andava pregando o evangelho de Jesus pra indiada brasileira. Quando o herói saiu do banho estava branco loiro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele. E ninguém não seria capaz mais de indicar nele um filho da tribo retinta dos Tapanhumas. [...] Nem bem Jiguê percebeu o milagre, se atirou na marca do pezão do Sumé. Porém a água já estava muito suja da negrura do herói e por mais que Jiguê esfregasse feito maluco atirando água pra todos os lados só conseguiu ficar da cor do bronze novo. Macunaíma teve dó e consolou: – Olhe, mano Jiguê, branco você cou não, porém pretume foi-se e antes fanhoso que sem nariz. (ANDRADE, 1928, p. 31-32)

Apesar de o tempo passar, a repercussão da dominação colonial ainda permanece no imaginário eurocêntrico/branco. A comparação dos homens negros aos animais, como aparece na descrição que Mário de Andrade captura da sociedade e reproduz na ficção para falar da identidade brasileira, é um algo claramente visto no comportamento dos colonos portugueses em Moçambique e certamente no Brasil colonial.

Para desfazer esse pensamento racista e preconceituoso, é necessário que nós “como negros, vivamos no exercício de driblar à exaustão e de não sucumbir à tristeza que este mundo branco gera em nós”, assim recomenda Veiga (2019, p. 247).

Entretanto, o negro deve sentir mais coragem de driblar seus pretensos, de assumir novo papel na liderança na luta que o mundo branco lhe expõe. Fazendo isso, a sua evolução, realmente, será significativa. Porque geralmente é preciso discernir e compreender o mundo, pensando na forma de mudar o cenário imposto pelos colonizadores. Então, para os negros, a consciencialização da luta deve acarretar a força da resistência. Sendo assim, será um negro, segundo Fanon, “o negro em um ser de ação”. Fanon, (2008, p. 15), ou seja, aquele que sabe agir consoante o seu poder e a força interna que nele se encontra, a fim de defender sua liberdade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em consideração à análise desses discursos, na voz dos personagens adultos, à pergunta do menino, no conto “As mãos dos pretos” de Luiz Bernardo Honwana (1964), adicionalmente com alguns teóricos que se tratam destes estereótipos de inferioridade nos faz

perceber como foram construídas as ideias para inferiorizar o negro durante o período colonial. E o impacto que as marcas da colonização deixava, o qual que reflete na inferiorização e na discriminação da pessoa negra. Entendemos como os colonizadores subestimaram as pessoas negras, principalmente, africanos até ao ponto de lhes considerarem meio-humanos. Isso acabaria por afetar no desenvolvimento social e psicológico do colonizado. Apesar de ter terminado o colonialismo padrão na década de 1970, todavia suas formas de violência racial ganharam novas formas de expressão.

O livro de Honwana como um todo, aborda como essas marcas continuam a servir de apoio ao discurso eurocêntrico enfatizado por preconceito e violência. O impacto dessa violência durante o regime colonial português é visto desde o primeiro conto de “Nós Matamos o Cão-Tinhoso” ou melhor, o livro todo é repleto de diferentes assuntos que visam chamar a atenção ao tratamento desumano que os colonizadores faziam os nossos antepassados.

Cogitando nisso, a nossa análise do conto “As mãos dos pretos” propôs contribuir para uma desconstrução dessas marcas de inferiorização e das narrativas estereotipadas, deixadas ao longo do tempo, que se tornam ações cotidianas de racismo que as pessoas brancas continuam a repercutir. O olhar eurocêntrico herdado da história da colonização deprecia a pessoa negra e reforça sempre que pode um complexo de inferioridade, tratado, muitas vezes, como “piada”, como visto no contexto social moçambicano, aqui pela via da literatura.

As denúncias que Luís Bernardo Honwana fez no seu livro “*Nos Matamos o Cão-Tinhoso*” em 1964, nos fazem entender a preocupação do autor com a situação de preconceito e racismo que ocorria em Moçambique, confirmando a afirmação de Macagno que em África era “o inferno de exploração, segregação e violência (SARAIVA, 2017, *Apud* MACAGNO, 2002, p. 102).

Por isso, entendemos que essa luta antirracista não pesa somente nos ombros de escritor, Honwana. É uma luta para todos nós. Portanto, a pesquisa consolidou uma análise relativamente aos estereótipos e inferiorização dos negros como base dos racismos (individual e estrutural) de hoje; apesar de que há pessoas que disfarçam que o racismo não existe, usando essas expressões de forma simples, que acaba de repercutir uma espécie de severo *bullying* para as pessoas negras. A luta é contínua para acabar com a naturalização de “brincadeiras”, “piadas” que traumatizam as crianças, na aprendizagem escolar e no entendimento da vida em sociedade.

Dado o exposto, é imprescindível que todo mundo reflita na desconstrução dos pensamentos preconceituosos e discriminatórios contra a figura negra que a sociedade continua a produzir, pois o racismo sempre foi um fator separatista, e que mais impulsiona lutas entre o negro e o não negro nos espaços sociais.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução de Júlia Romeu. TED Talk, em 2009. Disponível em: https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/enfrentamento-aoracismo/obras_digitalizadas/chimamanda_ngozi_adichie. Acesso em: 20/11/2022.
- CABAÇO, José Luís de Oliveira. **Moçambique: Identidades, Colonialismo e Libertação**: orientador Kabengele Munanga. – São Paulo, 2007. Acesso por e-mail em: 22/10/2022
- CABRAL, Amílcar. **Libertação nacional e cultura** in: Manuela Ribeiro Sanches, 1951. As Malhas que o Impérios Tecem. “Lugar da história”. Biblioteca Nacional de Portugal, Edição 2011
- CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005. Acesso por e-mail em: 30/10/2022
- CHINATTI YAMANAKA, J. H. ALMEIDA, S. Racismo estrutural. São Paulo: **Pólen**, 2019. 264 p. ISBN 978-85-98349-75-6. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**, [S. l.], v. 16, n. 3, p. Port. 183–189 / Eng. 187, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/49790>. Acesso em: 12.12.2022.
- COSTA CABRAL, Heuler. **O paradigma epistemológico africano em questionamento**. Disponível em 2018. <http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/0310102018.pdf>. Acessado em: 11/04/2022
- FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Tradução de José Laurênio de Melo e Jean-Paul Sartre. Impresso no Brasil. Editora Civilização Brasileira S. A, 1968. Disponível em: <https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2012/06/os-condenados-da-terra-frantz-fanon.pdf>. Acesso em: 07/01/2022
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. Acesso por e-mail em: 22/02/2022
- FERREIRA, Manuel. **“Dependência e Individualidade nas Literaturas africanas de língua Portuguesa”**. (Trabalho apresentado, em Mesa Redonda, no VII Encontro Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa. Belo Horizonte, 1979.
- FRANÇA, L. F. **Desconstrução dos estereótipos negativos do negro em Menina Bonita do Laço de Fita, de Ana Maria Machado, e em O menino marrom, de Ziraldo**. ESTUDOS DE LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA, v. 31, p. 111-127, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3231/323127095006.pdf>. Acesso em: 24/10/2022.
- HONWANA, Luis Bernardo. **Nós Matámos o Cão-Tinhoso**. Moçambique: Cotovia, 1964
- LEAL, Luciana Brandão e ALVES, R. M. F. **A Literatura Moçambicana. Moçambique em voz e performance** – literÁfricas, 2021.
- MARTINS, Zilda. Movimento da Negritude: ethos político na França e no Brasil. Revista **ABPN**, v. v.12, p. 365-390, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3231/323127095006.pdf>. Acesso em: 23/10/2022

MORAES, Lidiana de. A Violência do Não-dizer em Nós Matámos o Cão-tinhoso, de Luis Bernardo Honwana. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC: Experiências Literárias, Textualidades Contemporâneas, 15. 2017, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2017. v. 3. p. 5017-5024.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO, 3., 2003. **Palestra proferida...** PENESB-RJ. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>. Acesso em 15.12.2022.

NAMONE, D. A Luta Pela Independência Na Guiné-Bissau E Os Caminhos Do Projeto Educativo Do Paigc: etnicidade como problema na construção de uma identidade nacional. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO PET PEDAGOGIA, 2.; Amostra de Pesquisas em Educação, 11., 2017, Araraquara. **Anais ...** Araraquara: FCLAr-UNESP/Araraquara, 2017. p. 251-252. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/115896/000809907.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20/06/2022.

PEREIRA, L. B. Representação da criança no conto 'As mãos dos pretos', de Luis Bernardo Honwana. In: ENCONTRO NACIONAL DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL E ENSINO, 7., 2018. **Anais...**Campina Grande - PB. 2018. v. 1. p. 1-12.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires. Ed/CLACSO, Consejo Latino americano de Ciencias Sociales. 2005

SARAIVA, Sueli da Silva. **O pacto das elites e sua representação no romance em Angola e Moçambique**. 2013. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi: 10.11606/T.8.2013.tde-30082013-103119. Acesso em: 2023-01-15.

SARAIVA, Sueli da Silva. O luso, o trópico e o cão tnhoso nas revelações literárias de Honwana. **Revista Internacional em Língua Portuguesa**, v. IV, p. 147-162, 2017. Acessado por e-mail.

TEYSSIER. Paul, **História da Língua Portuguesa**. Tradução de Celso Cunha, Paris, 26 de março de 1982.

VEIGA, Lucas Motta. Descolonizando a psicologia: notas para uma psicologia preta. **Fractal: revista de psicologia**, v. 31, p. 244, 2019. Disponível em <https://www.scielo.br/j/fractal/a/NTf4hsLfg85J6s5kYw93GkF/?lang=pt>. Acesso em: 28 mar. 2022.